

## Índice

Introdução	11
Parte I	
1. A Minha Infância	15
2. A Minha Adolescência	29
3. Os Primeiros Tempos de Oxford	49
4. Marxismo e Liberalismo	63
Parte II	
5. O Salazarismo e a Revolução de 1974	89
6. Autobiografias e Biografias	113
7. As Férias de Verão em Inglaterra	145
8. A caminho do Paraíso: Hay-on-Wye	171
Conclusão	181

## Introdução

Gosto de viver entre livros. Nunca me interessei por decorações, mas aprecio ver as paredes da minha casa forradas com estantes onde guardo os livros que fui reunindo ao longo dos anos. Não é um prazer estético, mas a certeza de que, mal ou bem, foram eles que me fizeram. Além disso, os livros são um laço que me une aos meus contemporâneos e aos meus antepassados.

Foi em parte quando vi a biblioteca de José do Canto, um grande proprietário açoriano que viveu no século XIX, que decidi escrever sobre ele<sup>1</sup>. É evidente que, no estrangeiro, havia bibliotecas maiores — a do primeiro-ministro britânico Gladstone tinha 30 mil volumes e a do romancista russo Tolstói 22 mil — mas não era isso que sucedia em Portugal, onde a maior parte dos ricos não eram cultos e a maior parte dos eruditos não tinham dinheiro. Por exemplo, a biblioteca que Henri Burnay deixou tinha apenas 940 livros. Havia-as, é certo, maiores, como a do 2.º visconde de Valmor com 4900 livros, a de Fernando Palha com 4460 livros, a do 1.º visconde de Benagazil com 4000 livros, a da condessa da Azambuja com 3017, a do conde de Farrobo com 3000 e a de José Maria Eugénio de Almeida, com 2000, mas nenhuma se equiparava, em qualidade, à de José do Canto.

<sup>1</sup> Ver o catálogo que a Biblioteca e Arquivo de Ponta Delgada acaba de lançar: C. Riley (org.), *A Biblioteca de José do Canto: o homem ao espelho dos seus livros e manuscritos*, 2022.

No século XVIII, alguns dos estrangeiros que haviam estado em Portugal e que tinham convivido com os aristocratas locais deixaram-nos uma visão crítica no que a este domínio se tratava. Eis o que o milionário inglês Beckford deixou escrito sobre os duques de Marialva, umas das mais nobres e ricas famílias de Portugal: «Em casa dos Marialvas não se lê um livro. Esta gente nunca lê.<sup>2</sup>» Era verdade e, em grande medida, ainda hoje o é. A minha biblioteca, que começou com os livros que fui lendo durante os anos 1960, só gradualmente cresceu, não só por eu ter pouco dinheiro, mas por saber que sobre eles não tinha com quem debater.

Isto ia mudar. A partir de 1970 os livros começaram a inundar a minha casa a um ritmo cada vez mais rápido<sup>3</sup>. Em 2013, depois de me ter reformado da Universidade, a minha biblioteca já não cabia em nenhuma divisão da casa, o que me levou a alugar um andarzito ao lado do meu, onde pus uma boa parte das obras que possuía. Infelizmente, alguns anos passados, o meu senhorio precisou daquele espaço, pelo que fui obrigada a arrumar a maioria desses livros em caixas, pedindo a uma transportadora que os levasse para o armazém que uma das minhas netas tem em Xabregas. Como nas salas e nos corredores da minha casa já tinha 16 estantes, os homens da mudança sugeriram que pusesse uma das novas no quarto onde durmo. Ainda hesitei, mas deixei-os fazer.

O resultado da minha aquiescência foi positivo. Agora, deitada na cama de manhã, olhando as lombadas dos livros ao fundo, sinto-me feliz. Houve quem me dissesse que deveria vender ou doar os livros de que não «precisava», mas eu «preciso» de todos. Aliás, a amputação cultural a que a minha biblioteca foi sujeita deu-me a oportunidade de reler alguns dos livros que outrora admirara e outros que, de repente, se tornaram importantes.

2 Maria Filomena Mónica, *O Olhar do Outro*, Lisboa, Relógio D'Água, 2020, p. 78.

3 Depois do meu regresso a Portugal em 1976 após uma estada em Oxford doei todos os meus livros de Sociologia ao meu Instituto, o ICS, uma vez que tinha a certeza de que nunca viria a reler qualquer um deles.

# Parte I

## 1. A Minha Infância

Eu ainda não sabia ler — teria três ou quatro anos — mas lembro-me com nitidez da presença da minha mãe, sentada junto de mim, segurando um livro cujo conteúdo, em francês, ia traduzindo para meu proveito. A obra — *Historie d'Une Âme, Écrite par Elle-Même*, de Sainte Thérèse de Lisieux — era uma seleção dos momentos tidos como essenciais na vida desta freira normanda (1873-1897)<sup>1</sup>.

Foi sobretudo o luxo da edição — com uma capa madrepérola, folhas doiradas e gravuras de santinhos — que me fascinou. Era evidente que a minha mãe já se tinha apercebido de que não seriam os três pastorinhos de Fátima a conquistar-me, mas sim esta menina francesa que, numa prosa adocicada, fazia o elogio da renúncia e o apelo ao martírio. Nascida em Alençon, em 1888, Thérèse fora aceite com apenas quinze anos nas Carmelitas, num convento onde já viviam as suas duas irmãs mais velhas. O sucesso da sua autobiografia, publicada um ano depois da sua morte, foi tão extraordinário que o número de exemplares vendidos até hoje — 500 milhões — me parece inverosímil<sup>2</sup>. Pio XI faria

1 Há pouco tempo, através da Amazon, comprei a *Historie d'Une Âme, Écrite par Elle-même, Édition Annotée et Illustrée*, Amazon, Italia Logistica, s/d. Contém três manuscritos: o A, que inclui a narração da sua infância, o B onde nos fala da sua vida no Carmelo entre 1897 e a data sua morte e o C um texto dedicado à sua Madre Superiora. Ver ainda de John Cornwell, *The Dark Box*, Londres, Profile Books, 2014, pp. 203-204.  
2 Mas é o que figura no jornal *Le Figaro*, 14.6.2011.

dela a «estrela do seu pontificado», tendo-a beatificado em 1923 e canonizado dois anos depois. Em 1997, no centenário da sua morte, João Paulo II proclamá-la-ia Doutora da Igreja, a mais jovem de todas.

Aos seis anos, fui encontrada pelo meu pai tentando decifrar as primeiras páginas de *Os Lusíadas*, uma obra que ele me oferecera numa edição minúscula. Mas do que eu gostava era de santinhas, não de barões assinalados. Assim fui crescendo, entre as obras religiosas que a minha mãe me oferecia e as que o meu pai julgava adequadas, como, por exemplo, as de Júlio Verne, um autor que, para seu desgosto, rapidamente pus de lado.

Entretanto, com o dinheiro (as semanadas) que, a certa altura, os meus pais passaram a dar-me, habituei-me a ir à Papelaria Gonçalves, a cinco minutos de casa, que, além de tabaco, jornais e cadernos de caligrafia, vendia livros. Foi ali que comprei *O Pequeno Lorde*, a história de um menino americano que herdara um título inglês, o que o obrigara a deixar a mãe e os amigos, tendo sido levado para Inglaterra onde passara a viver ao lado de um avô rabugento. Não entendo o motivo que me levou noites sem fim a chorar sobre a obra de Frances H. Burnett, mas sei que foi isso que aconteceu<sup>3</sup>. Pouco depois, li, de novo entre lágrimas, o *Coração*, de Edmondo de Amicis, uma obra meio nacionalista, meio socialista<sup>4</sup>. Mas nenhum desses livros viria a ocupar um lugar na galeria dos que me marcaram para a vida.

Espanta-me que, na altura, os meus pais me tivessem deixado andar na rua sem a tutela de um adulto, mas a minha mãe sabia que eu ia sempre acompanhada pela minha irmã Isabel e que, se houvesse qualquer coisa de grave, esta lhe contaria. A certa altura, senti pena dela, uma vez que ser espia da minha mãe não era um papel glorioso, mas tendo em conta a sua natureza dócil provavelmente até gostava de sair nem que fosse para ir apenas até

3 É uma obra tão popular que ainda hoje se pode comprar nas livrarias. Ver Frances Hodgson Burnett, *O Pequeno Lorde*, Lisboa, Oficina do Livro, 2013.

4 Edmondo de Amicis, *Coração*, Lisboa, Editorial Minerva, 9.ª edição, s/d (a 1.ª edição, que saíra em Itália, era de 1886).

à Rua Joaquim António de Aguiar, a dois minutos da nossa casa. Bem vestidas e bonitas, atraíamos o olhar dos vizinhos, o que nos agradava<sup>5</sup>. Eu andava triste por não poder falar com ela sobre os livros que andava a ler<sup>6</sup>. A dada altura, percebi ainda que isto se passava igualmente com as colegas do colégio, até que acabei por concluir que o melhor era admitir que a vida era injusta.

Entrei para a 1.<sup>a</sup> classe com sete anos. O facto de até ao final do ensino secundário ter frequentado a mesma instituição — o Externato do Parque, das freiras Doroteias — contribuiu para que não me tivesse dado conta da passagem dos níveis de ensino. Se não me lembro dos exames, muito menos recordo os livros por onde deveria aprender: excepto num caso, o *Livro de Leitura da 3.<sup>a</sup> Classe*, decretado pelo regime como livro único para as escolas. Na capa, aparecem dois rapazes: um envergando o uniforme da Mocidade Portuguesa e empunhando a bandeira nacional, um outro, todo bem vestido, correndo com uma bandeira pequena na mão. A seu lado, aparecem uma menina de tranças segurando a antiga bandeira azul e branca e, ao fundo, um rapaz e uma rapariga: ele empunhando a bandeira azul e branca da monarquia e ela a do regime republicano. Sob um céu decorado com pombinhas, aparentam um ar feliz.

Do conteúdo apenas recordo a primeira estrofe do poema «A Neve», da autoria de Augusto Gil: «Batem leve, levemente./ Como quem chama por mim... Será chuva será gente?! Gente não é certamente/ E a chuva não bate assim...» Ao lado dos versos de, entre outros, Afonso Lopes Vieira, Correia de Oliveira e do padre Moreira das Neves, apareciam cantigas populares. Todos estes poemas pretendiam difundir o patriotismo, a beleza do mundo rural e a glorificação dos heróis.

As páginas finais eram dedicadas à religião. Prevendo que os miúdos se maçariam com aquele palavreado recôndito, o autor do compêndio optara por incluir um questionário, no intuito, imagi-

5 Ver Luís Pinto Coelho, *Autobiografia*, Lisboa, Oficina do Livro, 2003, p. 66.

6 Ver a entrevista que ambas concedemos a Anabela Mota Ribeiro, *Público*, 23.5.2010.

no, de os obrigar a decorar o que lhes era oferecido. Eis dois exemplos: «P — Para que veio à Terra o Filho de Deus? R: «O Filho de Deus veio à Terra para nos salvar do pecado e nos ganhar o Céu». Outro: «P — De quem nasceu o Menino Jesus? R: O Menino Jesus nasceu da Virgem puríssima Santa Maria, na cidade de Belém». E por aí fora, até se chegar à Paixão e Morte de Jesus Cristo.

Em 1953, depois de ter ficado dispensada do exame de admissão, fui inscrita no ensino liceal. Como ainda tenho a Caderneta Escolar, pude verificar os meus progressos, ou melhor, a ausência deles. Apesar de tudo, transitei do 1.º para o 2.º ano com uma média de 14, o que se ficou a dever às boas notas que obtivera em Ciências Geográfico-Naturais, em Desenho e em Matemática. Poder-se-ia imaginar que os meus talentos se concentravam sobretudo na área das Ciências, o que não era verdade. Aliás, as minhas classificações variavam de forma aleatória. O carrossel intelectual prosseguiu, tendo conseguido, em 1956/7, ser reprovada em História, uma disciplina que mais tarde viria a ser a minha preferida<sup>7</sup>.

Em 1957, tendo feito 14 anos, a minha mãe deu-me um caderno muito bonito. Na capa, cor de vinho, apareciam, em doirado, as seguintes letras, «O meu diário». Tinha um fecho doirado, o que permitia que, de cada vez que o pretendesse, podia trancá-lo com uma chavezinha, que, claro, não tardei a perder. Foi então que percebi que a minha mãe lia o que eu tinha escrito. O remédio foi simples: de cada vez que redigia o que quer que fosse colava as páginas com fita-cola (ainda hoje visível). Significativamente, nunca ela me falou no assunto nem eu fiz a previsível cena<sup>8</sup>.

7 No diário escrito em 1957 jamais mencionei o que quer que fosse relacionado com matéria escolar. Ver Maria Filomena Mónica, *Bilhete de Identidade*, Lisboa, Relógio D'Água, 2022.

8 Só depois de ela morrer, tive acesso ao diário que mantivera no final da sua adolescência. Num país onde poucos escrevem diários, fiquei admirada. E logo me interroguei sobre se este hábito poderia ser herdado. A resposta, negativa, pôs fim à digressão romântica.